**Questões: HRDY, Sarah Blaffer. Meet the alloparents: Shared child care may be the secret of human evolutionary success. Natural history, 2009, 118.3: 24-29.**

**Questão 1)** Considerando o trecho abaixo:

“In purely practical terms, we can envision a sequence that begins with hunters and gatherers sharing the fruits (and tubers) of foraging and then moving toward cooperative breeding. That would have allowed our Pleistocene ancestors to produce young that depended on many caretakers for a long time. No ape produces such big babies that mature so slowly, yet not only did our ancestors manage to survive, but our species eventually expanded beyond Africa and around the globe.”

Pode-se questionar, então, que a evolução reprodutiva cooperativa de humanos foi o que deu condições evolutivas suficientes para permitir o maior desenvolvimento tanto em tamanho quando em complexidade cerebral?

**Questão 2)** Sabendo que em termos evolutivos, para os antepassados do ser humano moderno foi vantajoso o desenvolvimento de um sistema cooperativo para cuidado dos bebês e infantes, tanto que obtivemos sucesso evolutivo nessa estratégia que parece fora dos padrões, principalmente retomando conceitos de pressão evolutiva e competição. Porque então, entre os grandes primatas, no texto representados principalmente por Chimpanzés, parece ser um traço raro esse tipo de comportamento? Isso pode ser refletido que a competição e o egoísmo das mães com a prole também apresentam vantagem e condições de serem comportamentos favorecidos pela seleção natural, e até mais impactante do que a cooperação, devido à presença em mais animais distintos?

**Questão 3)** A violência apresentada por chimpanzés, por exemplo, é marcadamente para indivíduos fora do grupo, ou ocorrem agressões costumeiras entre indivíduos do mesmo grupo? Se sim, poderia estar associado ao egoísmo materno de não permitir a aproximação de indivíduos adultos, ou permitir cuidados de aloparentes uma estratégia de preservação, já que podem ocorrer interações violentas?

**Questão 4)** A autora começa o texto com uma passagem concluindo que humanos são muito menos violentos e mais empatas com estranhos do que Chipamzes, dando o exemplo de aviões lotados com pouco espaço. Ao longo do texto, existem outras passagens como essa:

“Evolutionary biologists have taken for granted that, like other apes, our female ancestors must have left their natal groups to breed in another community. There they would have encountered unrelated females, possibly competing mothers, who might be not only unsupportive but actually infanticidal.”

Mostrando um caráter mais violento populações de seres humanos. Assim, o crescimento do fenômeno de aloparentes pode ser vinculado ao surgimento de comunidades mais fechadas e de parentesco próximo do que mais generalista?

**Questão 5)** Nesse trecho abaixo:

**“**Among our Pleistocene ancestors, infants with multiple caretakers would have been challenged in ways that no ape had ever been before. The needy youngster would have had to decipher not only its mother’s commitment but also the moods and intentions of others who might be seduced into helping. How best to attract care in varied circumstances? Through crying? With smiles, funny faces, gurgling, or babbling? The youngster best at mind reading would be best cared for and best fed. Such novel (for an ape) selection pressures favored a very different type of ape—one that we might call emotionally modern”

Podemos inferir que a habilidade empática de humanos foi uma evolução concomitante com a necessidade de entender e comunicar-se com aloparentes? Uma estratégia de sobrevivência em que bebês que conseguiam analisar melhor os sinais sociais foram selecionados?

**Resumo: Moll, H., & Tomasello, M. (2007). Cooperation and human cognition: the Vygotskian intelligence hypothesis. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 362(1480), 639-648.**

O objetivo do artigo é amparar a hipótese da inteligência Vygotskiana, baseada na cooperação, com evidências a partir da análise comparativa das habilidades social-cognitiva de primatas não humanos, principalmente chimpanzés, e de bebês humanos de cerca de 1 ano de idade.

Os autores começam abordando como vários estudos realizados com chimpanzés mostram como o caráter competitivo molda a relação desses animais com coespecíficos e com humanos no que diz respeito ao entendimento e uso de dicas. Os autores chamam a atenção também para a importância de delineamentos experimentais que façam sentido para espécie envolvida.

Existe o afunilamento do significado de cooperação no amplo espectro para as atividades cooperativas compartilhadas, que por definição possuem três características: os participantes compartilham um objetivo comum, tomam papéis recíprocos ou complementares para alcançar este objetivo comum e são geralmente motivados e dispostos a ajudar uns aos outros. Chimpanzés não apresentam os dois primeiros pontos, e parecem ser limitados em suas habilidades para ajudar outro indivíduo. Já bebês humanos de pelo menos 14 meses, nas condições experimentais similares com os primatas não humanos, apresentam todas as características de cooperação.

Discute-se também que humanos a partir dos 14 mês de idade já conseguem identificar pistas da atenção conjunta, inclusive lendo gestos de apontar, diferentemente de chimpanzés, que embora consigam se comunicar individualmente, não possuem quadros de atenção conjunta para fundamentar as intenções comunicativas com significado previamente compartilhado. Os autores argumentam, então, que os aspectos únicos da cognição humana refletem raízes cooperativas fundamentais, que provavelmente só emergiram quando seres humanos começaram a traçar seu caminho evolutivo próprio.

O texto encerra-se o questionamento se a cooperação e cultura humana tiveram sua origem por meio de processos individuais ou de seleção a nível de grupo. Os autores pontuaram como humanos e seus parentes primatas mais próximos são semelhantes e distintos nas maneiras como colaboram, se comunicam e aprendem com coespecíficos.